

1 ESCUDO

reportagem

Semanario das
grandes reportagens

ANO I

28 de Fevereiro de 1931

Numero 30



LER NESTE NUMERO: Mistério histórico de D. Pantaleão — 5.000 espías fuzilados — O segredo da T. S. F. no Vaticano — Os horrores da lepra em Lisboa — A arte de fugir, etc., etc.

O maior sucesso literário de 1931

Novela Policial

LEITURA EMOCIONANTE! ASSUNTOS PALPITANTES!

DIRECTOR:

REINALDO FERREIRA

(REPORTER X)

Quinta-feira, 5 de Março

NOVELA POLICIAL

N.º 6

“O segredo da mina”

Original inédito do REPORTER X

A NOVELA POLICIAL

16 páginas — Uma novela policial completa,
original, inédita — Capa a cores

Preço: UM ESCUDO

Dirijam já os seus pedidos de revenda e assinaturas para a Administração do «REPORTER X» e da «NOVELA POLICIAL».

TELEFONE || ROSSIO, 3, 3.º || Endereço
2-5442 || LISBOA || Telegráfico
REPORTERX

UM PORTUGUÊS AO SERVIÇO SECRETO DA FRANÇA



Dos quinze mil espiões da guerra, cinco mil fôram fuzilados

Revelações extraordinárias duma estatística alemã

Bolo Pachá, o maior enigma da grande espionagem da guerra

NÃO me recordo já do que aquêle vago consul de Portugal numa vaga cidade balkânica, bochechudo e untuoso, queria de mim quando há anos me procurou na redacção do «Janeiro». Do que me lembro, sim, é de que ao entrar me pediu, affectando uma ousada e inexplicavel intimidade:

—Dá-me licença que entre este meu amigo?...

Esse amigo, que elle não me apresentou, era um rapagão insinuante, distinto, discreto, de olhar suave e infantil. Mas o que mais me impressionou

Eis a explicação da tragédia: C. D., môço bem aparentado, emigrou para Paris, criança ainda. Ia estudar belas artes. Tôdos os estrangeiros que antes da guerra conseguiram instalar-se na Capital da Luz com êsse pretexto sabem o que foi êsse elenco boêmio de Montparnasse em que a mocidade, o amor, a alegria e a aventura ofereciam na terra os promettidos jardins de Allah. Foi assim que C. D. aprendeu a amar a França como se ama uma mulher ou, melhor, como aos dezolto anos se ama uma *grisette* parisiense... Em 1914 podia ter-se alistado como voluntário. Não o fez. Mas numa noite em que os próprios francezes duvidavam da vitória, a'guem a seu lado lançou esta *boutade*:—«O que nos falta são espiões! O êxito dos alemães é consequente da sua admiravel espionagem! Os espiões alemães julgam-se tão heróis como os mais bravos soldados do *front!*» No dia seguinte C. D. apresentava-se no *Deuxième Bureau* de «l'Etat Major» e disse: «Eu quero servir a França como espião». Aceitaram-lhe os serviços e elle portou-se com uma bravura tanto mais *gloriosa* quanto *ingloria*; uma bravura que o ia conduzindo à pior das mortes: a'quele morte de que os que se salvam ficam toda a vida torturados pela recordação viva do que sofreram.

Antes de concluir a trágica aventura de C. D.

devo esclarecer a razão da oportunidade que me levou a contá-la hoje. A Alemanha acaba de publicar mais um livro de espionagem. Intitula-se «Espionnage» — (*Wie ist es heute?*)—e reúne tôdas as estatísticas relativas a êsses heróis e mártires ignorados da guerra. Heróis, mártires e... bandalhos, porque assim como o patriôta ou idealista que se sacrifica no anonimato de espionagem é tão digno ou mais digno do que o soldado, o traidor que sob o mesmo titulo exerce a profissão de espião, mesmo que o pague com a vida, não deixa de ser um bandalho. Começa assim o prólogo do livro alemão: «Tôdos os países que entraram na guerra possuíam a sua máquina de espionagem. A França chamava-lhe «D-uxième Bureau» (de l'Etat Major); a Russia, «Ochraha»; a Italia, «Secção Internacional»; a Alemanha, a «Terceira Secção b»; e a Inglaterra, a «Intelligence Service» — que era e é a mais completa de tôdas. Apesar do que se tem dito, a Alemanha, gastando mais do que a França na espionagem, recrutou menos espiões do que aquêle país. O número máximo de espiões entre chefes, profissionais, amadores e agentes ocasionais, de que a Alemanha dispôs foi de 3.000. A França, gastando cerca de quatrocentos milhões de francos (durante todo o periodo da guerra), menos trezentos milhões do que a Alemanha, chegou a manobrar até cinco



A ballerina Mata-Hari, fuzilada em França por espia

nête fôram os espasmos freqüentes em que a vista se lhe esgazeava como ante um inesperado espectáculo de terror, agravados por afflitivos tiques nervosos que o sacudiam tôdo. Dir-se-ia que sofrera já um desses minutos supremos em que a alma é inquisitorrada tão cruelmente que os seus reflexos duram a existência inteira. Só o tornei a vêr, há dois meses, em Paris, abancado a uma mesa de amigos meus, no café «La Rotonde». Elle não dera tempo a apresentações; mas mal abandonou o grupo e eu interroguel os seus companheiros a seu respeito, contaram-me o que se segue:

—Razões lhe sobram para sofrer aquela mal-dita e crônica doença nervosa. Está assim desde 1918. Calcula tu, Reinaldo, que te vias uma manhã, após longos meses de martírio, amarrado a um poste, frente a uma duzia de espingardas, apontadas a ti... Só por milagre se salvou da morte. Mas pior do que a morte foi a angústia que o torturou nêsse longo e horrivel século que durou apenas um minuto!



Três espiões conduzidos por gendarmes aos postes da morte. Os pelotões executores apresentam armas — irônico respeito pelos que vão morrer...

Prova-se que o Paraíso existe também na Terra



Uma insignia célebre: A chapinha usada pelos detectives da «Intelligence Service»

mil espíões de todas aquelas categorias. A guerra recrutou, ao todo, entre aliados e adversários, perto de 15.000 agentes secretos — dos quais, talvez, 5.000 foram executados...

O que mais auxiliou a espionagem alemã, dando-lhe um valor superior à francesa, foi a grande percentagem de amadores. O espião amador é quase sempre mais culto, mais dedicado, desinteressado e patriótico. Isto não quer dizer que a França não possuísse também os seus espíões amadores. O sr. France, um dos chefes da *Sûreté* durante a guerra e que foi quem desmascarou Bolo Pachá, falando há pouco tempo sobre este assunto, declarou: «Não fizemos ainda a justiça necessária aos nossos voluntários da espionagem, que foram quase trezentos, fuzilados, tarde ou cedo, na maioria, pelo inimigo. Três gêneros de espíões formavam quase exclusivamente a legião dos nossos voluntários: actrizes, bailarinas e jornalistas. Quantos nomes ilustres do teatro (do *Odéon*, do *Casino*, do *Folies Bergères* e até da *Comédie*) e das letras não foram heróicos espíões — sem que ninguém o suspeitasse nem o suspeite ainda hoje. E' preciso lembrar também os estrangeiros que voluntariamente prestaram grandes serviços à França, arriscando a vida para espiares em seu favor».



O tenente alemão fuzilado em Londres

Nesse número está incluído o nosso compatriota C. D.

Ao falar no martírio dos espíões, não fantasio. As estatísticas são eloquentes. A França, em quatro

(Conclui na pag. 15)

TÓDOS nós, crentes ou não, idealizamos o nosso paraíso — um paraíso terrestre onde fôsse possível encontrar alguns, se não todos, os deleites que os textos sagrados afirmam existirem no céu. Esta insípida Lisboa, mais do que qualquer outra cidade civilizada, necessitava de um paraíso onde os tristes mortais que nela habitam pudessem, pelo menos, durante algumas horas sentir a ilusão da felicidade ideal.

Já tivemos o «Paraíso de Lisboa», que era um recinto reservado a alguns prazeres ingénuos, que fariam rir os grandes «Luna-Parks» da Europa e que foi parar ao inferno por falta de interesse público. Depois desse infernal paraíso, Lisboa voltou a mergulhar na mesma insipidez, na mesma monotonia, até que dois homens empreendedores e beneméritos resolveram abrir as portas doiradas de um *Paraíso* autêntico, verdadeiramente europeu e semelhante a tantos outros paraísos que existem nas grandes capitais para gozo e distração dos seus habitantes. Esses homens são os Srs. Alfredo Taborda e Gomes da Costa, que inauguraram ante-ontem na Rua Bernardino Costa, 42 e 44, um estabelecimento delicioso ao qual deram o nome, que a realidade justifica, de *Paraíso*.

E em que consiste esse autêntico paraíso terrestre? Uma visita àquêle estabelecimento, melhor do que as palavras, saberá responder a esta interrogação. E' que no *Paraíso* se encontra, entre muitos divertimentos requintados, um de que se fala há muitos anos em Portugal e que de facto não existia: O *Five o'clock Tea*, o célebre *chá das cinco*, que é tomado num ambiente agradabilíssimo, pleno de conforto, e embalado pelo ritmo de uma orquestra constituída por verdadeiros mestres.

Além do prazer quase espiritual do *chá das cinco*, que é um hábito de pessoas civilizadas, no *Paraíso* encontram-se os mais variados artigos de confeitaria, conservas, vinhos das melhores marcas, fiambres, etc..

Quem entra neste esplêndido estabelecimento, situado num bairro cosmopolita como é aquêle que circunda a Praça Duque da Terceira, a dois passos dos comboios do Estoril, servindo portanto de paragem quase obrigatória à multidão que frequênta a nossa Costa do Sol, encontra, além das gratas surpresas que acabamos de enumerar, um *bar* de frequência escolhida, quer de cavalheiros, quer de damas modernas e educadas no

melhor ambiente da civilização, e ainda outra surpresa própria de grande capital — uma cave (um autêntico *caveau*) onde se passam momentos deliciosos, saboreando admiráveis piteus, servidos por um pessoal de extraordinária correção.

Se no restaurante, onde todas as tardes, das cinco às oito horas, é servido o *five o'clock*, se goza o prazer espiritual de escutar uma orquestra modelar, outro tanto acontece no *bar*, das oito à uma hora da madrugada, onde essa orquestra executa as mais variadas e escolhidas partituras.

A' inauguração do *Paraíso*, cujo ambiente corresponde perfeitamente ao título, tiveram os empreendedores proprietários do estabelecimento a gentileza de convidar não só os representantes da imprensa como algumas famílias mais distintas da sociedade de Lisboa. Essa inauguração decorreu num ambiente de grande cordealidade, tendo sido todos os convidados unânimes em fazer as mais entusiásticas referências ao *bar*, fornecido por uma esplêndida frásqueira, ao restaurante, de conforto moderno, e à cave, que merece ser visitada por toda a Lisboa de bom gosto, dada a originalidade do seu arranjo *raffiné*.

A inocente Guida Domingues

Faleceu a filha de Mario Domingues

Trêguas à luta! Trêguas aos ódios!

A' hora em que o *Reporter X* entrava na máquina recebemos a dolorosíssima notícia de ter falecido a inocente Guida Domingues, filha do nosso chefe de redacção, Mario Domingues. Essa pobre criança, que derramava luz por onde passava, como uma miniatura estrela que viesse à terra, era a máxima paixão de seus pais e a boneca querida de todos quanto trabalham nesta casa. Tinha vida de mais, para três anos, a pobre Guidinha. Há um mês, um mal misterioso, um inferno de crescentes angustias, a foi levando, numa lentidão cruel, para este triste final... A-pesar-de todos os milagres de amor dos pais e dos esforços da ciência, a morte, gigante poderosa, venceu a inocente, tão frágil e tão pequenina ainda... Tinha demasiada vida... Era já a morte a surpreendê-la, com a máscara enganadora da vida... Que todos os que tenham coração, todos os que saibam o que é amar um filho, mesmo aquêles a quem o talento de Mario Domingues tenha ferido, lhe respeitem esta hora angustiosa em que ele, junto ao pequenino ente que perdeu, chora como ela chorava, quando era viva... porque a dor faz dos gigantes crianças...

Trêguas aos ódios! Trêguas à luta.

O SEGRÊDO DOS LEPROSOS EM PORTUGAL

No século XVIII, 12.000 gafados; em 1931, trinta leprosos apenas — Uma revelação do capitão-médico Denis D'Orsay — Existe uma seita de gafados?



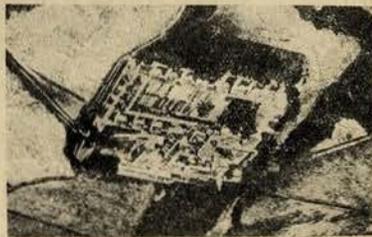
ESTRANHEI, confesso, o alvoroço com que Z. escutou, durante a visita que ultimamente me fez, a nossa conversa sobre esse *inferno da carne* que é a lepra. Z., meu camarada dos bons tempos, viera acompanhado de dois médicos da nossa geração. Falou-se de Urbino de Freitas, do mistério que girou sempre à volta da sua descoberta sobre a cura da gafa, atribuindo-se-lhe a fatalidade da sua morte civil, como assassino, e da sua morte... física, quando, liberto, regressava à actividade científica, ao *grandguignolismo*, muitas vezes ignorado, que essa enfermidade bíblica tem imposto à Humanidade através todos os séculos, até que um dos médicos informou:

— Portugal foi sempre um dos países mais atacados pela lepra. A percentagem enorme de sangue judeu que circula pelas veias da raça, a tradicional falta de asseio (para que negar!)... que nos caracterizou sempre — para isso basta recordar o livro de George Saint-Briex, que indica Portugal como a

única nação civilizada onde o banho era considerado atentatório do pudor das mulheres e onde nos conventos se expulsavam as freiras que se banhavam (*La Civilisation et le corps*, Editions France, 1914, pag. 47 a 59) —, os contágios com os povos contaminados e a permanência árabe na península, fazem com que essa mancha negra se adense ao alastrar-se sobre este extremo europeu. Ao fundar-se a nacionalidade e ao estabelecerem-se as primeiras gafarias... modernas (modernas na época e segundo o modelo de St. Bernard de La Rochelle, o mártir e heróico amigo dos leprosos), reuniram-se em poucos meses 3.000 gafados, o que é espantoso em contraste com a população... Essa percentagem aumentou sempre. No século XVIII, diz um cronista... — «rara era a família portuguesa em que não *pesava* um gafado...» O mal progride sempre, irradia, penetra em todos os esconços, sempre perseguido pelo terror dos ainda não contaminados até que, bruscamente, no século XVIII para XIX, crónicas e escritos se silenciam... Que se aponte, a partir dessa data, uma referência à lepra em Portugal, em prosa alarmante como até então... Calaram-se todos, as gafarias começaram a esvair-se, dir-se-ia que houve milagre...

— Milagre? fenómeno, seja o que for... — afirmou o segundo médico —, a verdade é que a lepra decresceu de súbito em Portugal, e precisamente

a partir do século XVIII. Há coisa de 5 ou 6 anos interessei-me pelo assunto, e estudei-o. Os jornais deram o alarme, dizendo que havia leproso que se pavoneavam pela cidade oferecendo um contágio permanente aos seus. Fez-se uma rusga... médica (*passer le mot.*) e arrebanhámos todos.



Vista da gafaria modelar de La Valbonne (França)

Eram sete! E esses sete, agregados aos que já estavam recolhidos no hospital, vieram dar-nos esta tranquilizadora estatística: Que dentro da capital e arredores existiam apenas umas poucas dezenas de gafados... Não há pois motivo para pessimismos...

Sorriu-se o outro médico e retorquiu: — A lógica garante que existindo dez a doze mil leproso no século XVIII, sabendo-se o que é a fatal fertilidade dos gafados e a sua mórbida ansia sexual, sabendo-se ainda o poder de hereditariedade dessa doença — não podia esse número, cento e tal anos depois, estar reduzido a 30 ou a 40, mesmo que se admitam as teorias do Dr. Noel Bataille, que nega o contágio da lepra. Não, meu velho! Na melhor das hipóteses — e não se tendo em conta o aumento de população — devem existir, na zona do sul, 5 a 6.000 leproso...

— E onde estão eles? — Indaga o colega. — Estão ao nosso lado a multiplicarem-se livremente! — responde o primeiro. — Não lêste nunca uma pequena brochura publicada em 1819, em França, pelo capitão-médico do exército de Junot, Denis Muscat D'Orsay, bisavô de Marcel Muscat, jornalista que tu, Reinaldo, (e apontou-me) conheces bem porque foi teu sucessor na direcção da sucursal da Agência Americana em Paris. Nessa obra, que se intitula «Chair en feu», o capitão-médico napoleónico, que era um estudioso, revela o seguinte: «Os portugueses são, como os italianos, uns entusiastas pelas associações secretas. Até os leproso, que abundaram sempre nesse país, se organizaram em seita, para se defenderem da hospitalização primitiva que os sujeitaram durante séculos e onde eram tratados cruelmente.» Exagerado ou não, sabe-se que o leproso fugiu sempre da gafaria como o diabo foge da cruz. Não sei onde foi que esse francês descobriu a existência de uma mutua defesa de leproso no nosso país, para fugirem ao internamento. O que sei, sim, é que em Trás-os-Montes emprega-se o termo de «Corja de gafados» — quando se alude a *coterias* suspeitas... Interpreta como quiseres o que diz Denis D'Orsay e o que eu te digo. O que te afirmo é que em Portugal, que abrigava há dois séculos muitos milhares de leproso, não pode haver hoje apenas 30. Tanto mais que em Portugal nunca se

Maria Kardos, a envenenadora

MUITAS vezes é nos pequenos meios, nas aldeias de poucos habitantes e não nas grandes cidades, que se desenrolam as maiores tragédias criminais. O caso da envenenadora húngara Maria Kardos, que foi enforcada no dia 17, é bem simbólico. Existe, na Hungria, a uns cem quilómetros da fronteira austríaca, uma povoação de umas mil almas, chamada Tulverigte... Maria Kardos era a rainha diabólica dessa povoação. Começou como parteira e já nesse *métier* a justiça suspeitou dela não conseguindo nunca condená-la por falta de provas. Entendida na arte dos bruxedos e na ciência dos venenos, ela pervertia o espírito das mulheres da aldeia, aconselhando-as, com extraordinário poder de sugestão, a desembracarem-se dos maridos para lhes ficarem com a herança ou para contraírem segundas núpcias em melhores condições. Depois, algemando essas mulheres pelo segredo do crime, exigia-lhes abundantes somas de dinheiro não só pelas drogas que lhes fornecia como também... pelo seu silêncio. Há pouco tempo, um detective de Budapest, passando por Tulverigte, estranhou ver tanta gente de luto, tantas viuvas, tão poucos homens em relação ao número de mulheres que existia — e começou a investigar. Entretanto, Maria Kardos, que estava riquíssima e que... enviuvava pelo mesmo processo com que fazia enviuar as outras, quis experimentar os efeitos dum novo veneno; e para isso não encontrou melhor modelo do que o seu proprio filho, a quem obrigou a ingerir a nova peçonha da sua invenção. E não contente com tão espantosa infâmia, obrigava-o a cantar durante a horrível agonia, picando-o com uma faca — para que a vizinhança não suspeitasse do seu crime. Denunciada, presa, con-

denada à morte, revelou então a quanto montava o seu passivo de envenenadora... Cento e doze



Maria Kardos, a envenenadora condenada à morte

vítimas — apenas... Pode dizer-se que o cemitério daquela aldeia estava por sua conta...

(Conclui na pag. 12)

A "LEI SÊCA" AMERICANA EM PORTUGAL

Um contrabandista de vinho do Porto

entrevistado

pele
REPORTER X

Os negócios da "lei sêca" — A praga dos contrabandistas no Norte — 1.500.000 garrafas de Porto entram nos E. U. em 1930 — O segrêdo de certos "cracks" — Negócios da China — O que se passa em Gaia, no Porto e na Régua — O alarme



Enquanto os jornais falam da «lei sêca» na America, o nosso colaborador (indicado pela seta) descobre no Porto o contrabandista Rafael Vasquez e entrevista-o a porta do «Camanho».

É freqüente, nos *films* americanos, uma nota crítica à «lei sêca»... É uma crítica evidentemente molhada... Aparece sempre uma personagem que tira do bolso, às ocultas, um frasco, comedido e chato e que contém, invariavelmente, a espirituosa bebida do seu agrado. *Whisky?* Sim. Mas... porque não será também, às vezes, vinho do Porto? O sangue dourado das uvas do Douro deve ter — e tem — os seus fanáticos, entre os *yankees*. Sabe-se de cor, que apesar da proibição, na America *nada-se* (?) em alcool — que se fabrica ou é importado através as mais engenhosas habilidades. *Nada-se*... é o termo. Ainda há pouco os jornais noticiaram que num «club» de New York, os sócios encheram com «Champagne» uma formidável tina, de onde várias bailarinas saíram alagadas, como serelas... de um novo estilo...

O mais simpático é que o *Year Book*, ou seja o almanaque da *Chicago Tribune*, publica a estatística das bebidas entradas, em contrabando, nos Estados Unidos, durante 1930 — provando assim que se importa mais agora do que antigamente. É o que a nós directamente interessa nessa estatística, em que a policia colaborou, é a referência que nos fazem... e que atinge, pelo inesperado, o tom de sensacional. O *whisky* e a cerveja, de todas as procedências, vêm em 1.º lugar; seguem-se-lhe o *cognac* espanhol, o *gin* inglês, a *genebra* holandesa, o *Champagne* francês, o *Chianti* e o *Lacrima Christi* italianos, o *Bordeaux*, o *Bourgogne*, o *Reno*, o *Xerez*, o *Malaga*, o *Rioja*. Depois, mas antes do *vodka* russo, do *Brinç* australiano e do *Tubor* turco e de muitos outros — o nosso *Port-Wine*... Seria insignificante — se essa ordem correspondesse a um total mediano e portanto a uma percentagem relativa. Mas não: frente a designação do Vinho do Porto está esta bela cifra: 1.573.500 garrafas. Não sei traduzir esse número em pipas, nem sequer em litros. Mas como sei, sim, por leitura do *Year Book*, que os contrabandistas são excepcionalmente honrados com os clientes no respeitante à autenticidade das bebidas, exigindo e exibindo sempre documentos garantindo a procedência — passo como é que Portugal exportou clandestinamente, num só ano, mais de milhão e meio de garrafas do Porto para a America... sem se dar por isso. Mistério — e... grande reportagem para o «Reporter X»...

Numa manhã de Janeiro, estando eu junto ao *guichet* duma casa bancária do Porto, ouvi o empregado chamar pelo sr. Rafael Vasquez, o qual, acercando-se e falando em castelhano, recebeu, indiferente, uma soma quantiosa. Não o teria fixado se o meu camarada Emilio Loubet não me perguntasse, logo a seguir, se eu o conhecia... — Referes-te àquêl espanhol que...?

— Não. Creio que é argentino. Esteve ontem com o L. (aqui o nome dum amigo nosso, gerente duma importante sociedade de vinhos) tratando duma grande partida de vinhos. Contou-me o L. que é para Cuba... Até se deu o caso de que a casa M. (outro grande exportador de vinhos), tendo mandado uma grande partida...

E seguiu-se a história... A mim só uma única

coisa chamava a atenção em Rafael Vasquez: um enorme brilhante, invulgar, no dedo médio da sua mão direita. E quem me havia de dizer, naquele momento, mesmo quando perguntámos a um empregado do Banco o nome do argentino, que aquêl ligeiro encontro, aquêl anel, nos

(Conclui na pag. 15)

Norma, a "Rainha das Pérolas,"

EXISTE em Budapest uma actriz — Norma Palwadritch — cuja maior celebriedade não vem do seu talento histrionico mas sim da imensa fortuna, sempre crescente, que possui em pérolas. Seja paixão sincera, seja habilidade para sugar as carteiras aos bajoujos admiradores — a verdade é que desde o início da carreira ela converte em pérolas todas as suas receitas disponíveis, desprezando todos os presentes que lhe oferecem desde que não sejam pérolas... Criou assim uma fama romântica e um *sobriquet* à laia de *Dama das Camélias*, embora a *fiôr* sem perfume que aureolou de poesia a vida e a morte da sentimental Margarida Gauthier custe muito mais barato do que a materia prima do titulo glorioso desta actriz húngara que se popularizou com o apodo de «Rainha das Pérolas». Avalla-se em alguns milhões de corôas a sua colecção de pérolas de todas as tonalidades, tipos e preços que Norma exhibe, em colares e diademas, cobrindo com elas o corpo, num traje fantástico ou ostentando um chapéu fabricado exclusivamente com pérolas. Ora bem... Norma Palwadritch, no dia 14, foi ceiar, após o espectáculo, com dois amigos seus — um banqueiro e um jornalista, ambos em apaixonada disputa com o seu coração. Depois da ceia acompanharam-na a casa, pedindo ela para subirem e beberem ainda uma taça de «Champagne». Aguardavam-na a dama de companhia e uma criada — reunindo-se todos (a criada e a dama também, para ajudarem a patrão a servir os visitantes) no salão da actriz. Insinuaram os dois enamorados desejos de conhecer a sua famosa colecção, ao que ela não se fez rogada, abrindo um armário-cofre onde guarda todos os seus milhares de

pérolas. Satisfeita a curiosidade das visitas, o armário foi fechado, demorando-se todos eles na



sala até perto das duas da manhã. Ao despedirem-se, o banqueiro pediu para que Norma lhe

(Conclui na pag. 10)

Cromwell, que decapitou Carlos I de Inglaterra, manifesta a sua crueldade condenando severamente uma rapaziada de um fidalgo português — Uma sensacional reportagem do século XVII — Uma briga nocturna numa praça de Londres — Pantaleão na cadeia — Julgado em nome de Deus e do país — Condenado à morte pela vontade suprema de Cromwell, o déspota

D. Pantaleão fidalgo português degolado por Cromwell

REPORTAGEM não é apenas o relato nítido, fiel e tanto quanto possível imparcial de um ou mais acontecimentos contemporâneos de quem escreve. A reportagem abre-se um campo ilimitado, vasto como o mundo e interminável como o tempo. Os primeiros reporteres foram, certamente, os velhos cronistas que anotavam e descreviam os factos do seu tempo. Mas nem todos os mistérios, nem todos os acontecimentos — alguns deles verdadeiramente sensacionais encontraram referência nas reportagens, chamemos-lhes assim, dessas crônicas. Ficou muito enigma por resolver, muito drama por contar, muito segredo por descobrir. Ao jornalista moderno que é, à sua maneira, o cronista de agora, o homem que fornece ao historiador os mais preciosos subsídios para a reconstituição da vida da humanidade através dos séculos, compete lançar ao passado os seus olhos investigadores e dele arrancar tudo quanto ficou inédito, tudo quanto produza emoção e estabeleça a verdade.

A reportagem que o Reporter X hoje publica nas suas páginas de honra refere-se a factos emocionantes ocorridos em meados do século XVII, durante a tirania desse homem terrível e excepcional que foi Oliver Cromwell, que em Inglaterra se antecipou um século ao terror francês, e nela se vão encontrar alguns portugueses, fidalgos que ao serviço de D. João IV, de Portugal, se encontravam naquele país.

Desenterrando da poeira dos séculos este acontecimento sangrento, Reporter X cumpre mais uma vez a sua divisa de semanário das grandes reportagens.

A TARDIA REVELAÇÃO DE UM HOMEM

Em tempos idos viveu em Inglaterra um homem prodigioso, que teve artes e manhas para trepar sobre os ombros dos seus conterrâneos, fabricando para si, para seu gozo e para glória sua, uma curul igual a um trono. Chamou-se Oliver Cromwell. Lançaram-no ao mundo país humilde, paupérrimo, e esta criança, que havia de espantar o mundo com rasgos de audácia e feitos de génio, só ao entardecer da vida se revelou, dispendida até então em esturdias licenciosas, quasi inconfessáveis. Também Napoleão Bonaparte, que veio muito mais tarde, atravessou ignorado quasi todo o período que se iniciou em 1789 e teve a máxima culminância em 93, a quando da sangueira epiléptica do Terror, até que o incidente de Toulon o pôs em evidência. E estes dois exemplos históricos são suficientes para demonstrar que, provavelmente, muitos génios se não manifestam somente porque jámais os favoreceu a oportunidade. Sem o imponderável de Toulon, Napoleão teria sido restituído à terra-mãe depois de ter atingido o fim da carreira militar, feito, quando muito, general reformado, com um nome que não sobreviveria à salva que o saudasse num tumulto anónimo; e os seus famosos marechais — Murat, que foi rei, Bernadotte, que fundou uma dinastia, Ney e Massena, que foram príncipes, Lefebvre e Junot, que foram duques, e outros, tantíssimos, que acabaram

em titulares, pares de França, ministros, como, por exemplo, Soult, que serviu Luís Felpe enquanto Napoleão curtia em Santa Helena as dores físicas da úlcera que lhe roía o estômago e as torturas morais de um exílio que era degrêdo — estes e uma legião de outros, não conseguiram despedaçar as cadeias onde os tinha, algemados e impotentes, o feudalismo estreito da aristocracia realista, afinal pulverizado pela Revolução mas redi-vivo pela traição bonapartista, que nasceu na Corsega e alastrou, sanguiscento, por todo o Continente, chorando vidas, saqueando riquezas, cortando na carne das nações e dos homens...

Cromwell foi, na Inglaterra, o precursor do 89 gaulês. Precedeu-o de séculos, plantando no isolamento das ilhas a árvore da Liberdade, codificando-a na Magna Carta, aniquilando, pelo ferro e pelo fogo, o fanatismo religioso, criando um estado novíssimo nos fortes alcerces que haviam de bastar para suportar o peso do maior império de todos os tempos, onde a luz do sol jámais se apaga, perpétuamente iluminando o simbólico leopardo.



Na Praça da Bolsa Nova, travou-se briga entre portugueses e ingleses

Em 1640, Cromwell entrou no Parlamento, revelando-se a breve trecho um terrível agitador e condutor de multidões. A revolução estalou e Cromwell foi, desde a primeira hora, o seu «leader». A guerra civil alastrou por todo o país, assolando principalmente a Irlanda e a Escócia. Cromwell organizou e disciplinou o exército republicano, bateu os realistas em 1648, encarcerou na Torre de Londres o rei Carlos I, cuja cabeça fez espetacularmente cair no patíbulo. Em 1649 foi procla-



realmente a tirania, proclamando-se Lord Protector e dominando como rei absoluto até que a morte o levou com 99 anos de idade. Sucedeu-lhe seu filho Ricardo, um incapaz, que, depressa renunciou ao Poder.

A monarquia foi restaurada com Carlos II no trono e Ricardo Cromwell, que se homiariara no Continente, regressou à Inglaterra em 1680, passando a viver obscuramente, sob o apelido de Clark, que adoptou em substituição do de Cromwell.

UMA ESTROINICE PORTUGUESA DE MÁS CONSEQUENCIAS

Foi no tempo do Lord-Protector de Inglaterra que em Londres se desenrolou uma tragédia que custou a vida a um fidalgo português, dos mais ilustres e dos mais desventurados. A reportagem que se segue põe-no em evidência:

Em 1653 era embaixador de Portugal em Inglaterra Dom João Rodrigues de Sá, Conde de Penaguão, que o Rei D. João IV enviara junto do Lord-Protector da Republica Inglesa para negociar a paz entre os dois países. Como secretário da Embaixada de Portugal foi o dr. Jeronimo da Silva de Azevedo, notável juriconsulto, desembargador da Casa de Suplicação; como adidos foi gente de qualidade, entre a qual se distinguia o irmão do embaixador, D. Pantaleão de Sá e Menezes, gentilhomem de grande distinção, elegancia e não menos orgulho. Ora aconteceu que indo uma noite, este último, ao local da cidade onde se reuniam os foliões e os estroinices e que se chamava Praça da Bolsa Nova, se travou briga entre portugueses e ingleses, havendo nutrido tiroteio e dele resultando a morte de um fidalgo inglês, irmão do Conde de Cur, e de muitos feridos, entre eles um coronel do exército republicano. Logo que o tiroteio começou, fugiram os coches dos fidalgos, que assim foram forçados a sair do local da briga, a pé. Quando já iam longe da Praça da Bolsa Nova foram alcançados por um esquadrão de cavalaria, que Cromwell enviara em sua perseguição. Parte dos portugueses conseguiu fugir, mas D. Pantaleão foi preso juntamente com três dos seus companheiros de

mada a Republica, não sem resistência da parte dos católicos e dos realistas, que foram massacrados na Escocia, com tal violência que ainda hoje existem vestígios dos incêndios acesos durante essa época terrível. Sob a aparência republicana Cromwell passou a exercer

estroinice, e todos recolhidos na cadeia pública, onde logo se tratou de se lhes instaurar processo-crime.

Acudiu pelo irmão o embaixador D. João Rodrigues de Sá, tendo a apoiá-lo todo o corpo diplomático, sem excepção do embaixador de Castela, que era D. Afonso de Cardeas, e não obstante arderem em acesa guerra os dois países ibéricos. Cromwell resistiu à pressão, não reconhecendo como válidas as imunidades, invocadas a favor de D. Pantaleão, apenas concedendo que o fidalgo português fosse transferido da cadeia civil para a Torre de Londres, onde, no final de contas, ficava muito mais preso que no primitivo cárcere. Um ano depois, pouco mais ou menos, realizou-se o julgamento de D. Pantaleão e co-réus.

UM JULGAMENTO EMOCIONANTE

Na manhã de 15 de Julho de 1653 a sala grande de Westminster estava apinhada de espectadores, que testemunhas presenciais avaliaram em 12.000 pessoas. Ia realizar-se o julgamento dos acusados no caso da Praça da Bolsa Nova, que eram quatro, assim discriminados:

D. Pantaleão de Sá e Menezes, fidalgo da casa de El-Rei de Portugal, irmão de S. Ex.^a o embaixador junto do Lord-Protector da Republica de Inglaterra;

Alvaro Gonçalves, lacaio da Embaixada; João Coelho, fidalgo cavaleiro da Ordem de Cristo e estribeiro de D. Pantaleão;

Um moço inglês, creado do consul de Portugal Francisco Ferreira Rebelo.

Os juizes eram magistrados da Corte Alta, nomeados por Oliver Cromwell.

Logo que os réus foram introduzidos na sala de audiências, o Tribunal viu diante de si D. Pantaleão de Sá e Menezes, cuja palidez era cadavérica e cujas mãos tremiam visivelmente. Foi, todavia, com firmeza, que proferiu em voz alta as seguintes palavras, conservando altivamente na cabeça o seu emplumado chapéu:

— Eu, D. Pantaleão de Sá e Menezes, declaro que, por virtude de uma carta de que sou portador, escrita e assinada pelo real punho do muito poderoso Sr. Rei D. João IV, de Portugal, represento junto do Lord-Protector da Republica Inglesa, como embaixador, o mesmo Real e Augusto Senhor, meu amo; reclamo, pois, a liberdade que me é devida por meus privilegios e por expressa condição do direito das gentes.

Replicou o presidente do tribunal que todas as pessoas que estavam naquela sala se mantinham descobertas, estranhando que só não tivesse ainda tirado o seu chapéu o réu D. Pantaleão; que, antes de mais nada, se descobrisse, como era dever de cortezia.

Travou-se, a proposito, um debate, recusando-se D. Pantaleão a descobrir-se voluntariamente, mas que se apressaria a fazê-lo se o tribunal ordenasse que contra elle se praticasse violência. O debate terminou logo que o presidente do tribunal ordenou a um belemunheiro que arrancasse o chapéu da cabeça do réu, o que não se levou a efeito porque D. Pantaleão se descobriu. Em seguida, o presidente mandou dar uma cadeira ao acusado, não sem lhe ter dito com aspereza que em Inglaterra se conheciam as regras de cortezia devidas aos acusados de qualidade.

Depois de lido o libelo acusatório, D. Pantaleão declarou que não reconhecia a legitimidade do tribunal mas que, forçado pelas circunstancias, requeria que marcassem novo prazo para poder reunir as provas da sua inocência. Recolheram os juizes em conferencia, resolvendo indeferir a petição e proferindo as palavras sacramentais, cuja tradução literal do inglês é, como se segue: «Não queremos, não podemos, é impossível».

Logo preguntaram os juizes aos réus se queriam ser julgados conforme a lei, isto é, por Deus e pela Pátria («by God and the Country») ao que D. Pantaleão respondeu que, não reconhecendo a legitimidade do tribunal, nada queria declarar. Os juizes convidaram-no a reflectir, porque se persistisse na recusa e fosse condenado à morte, teria de submergir esmagado entre duas tábuas, de morte lenta e dolorosa, produzida por pesos que se iriam acumulando sobre a tábua superior até de todo se lhe extinguir a vida. Houve largo debate a este respeito, que findou porque D. Pantaleão se resolveu a declarar que queria ser julgado «by God and the Country». Igual declaração fizeram os outros réus. Fez-se depois o sorteo de 40 jurados e interrompeu-se o julgamento por ser já noite, marcando-se nova audiência para o dia seguinte.

Antes de encerrada a audiência preguntou D. Pantaleão quando teria de morrer, respondendo os juizes que no dia seguinte, logo pela manhã. Objectou D. Pantaleão que não teria tempo para preparar a sua consciência, requerendo maior dilação. O tribunal concordou em transferir a execução para segunda-feira seguinte. E foi encerrada a audiência.



Uma dama trocou os vestidos com o traje do encarcerado

No quinta-feira 16 de Julho de 1654, continuou o julgamento. A affluência de público era enorme, como jámais se vira em Londres.

Logo no principio da audiência, D. Pantaleão declarou que se equivocara quando declarara que queria ser julgado «by God and the Country», porque supusera que o entregariam a juizes da sua Nação, requerendo agora que tal se fizesse. O tribunal indeferiu, alegando que a petição era temporânea.



O embaixador D. João Rodrigues de Sá, Conde de Penaguão

Depois de escolhidos 12 jurados dos 40 sorteados, foram ouvidas as testemunhas de acusação, sendo todas concordes em atribuir aos réus o delito de homicídio voluntário de que eram acusados e declarando ainda que nos coches apreendidos tinham sido encontradas duas perigosas bombas «cheias de pólvora e fogo artificial». Tendo-se recusado D. Pantaleão a apresentar testemunhas de defesa, foram ouvidas duas mulheres e três homens, que espontaneamente se apresentaram a depôr. O tribunal não ligou importância a estes depoimentos, rindo-se das muitas contradições verificadas. O júri deu como provados os crimes, depois de ter ouvido um breve discurso do advogado do Estado, que pediu para os réus a pena de morte. O tribunal redigiu a sentença, com muitos considerandos, terminando assim: «Condenamos, pois, os réus a serem enforcados por seus pescocões até que de todo sejam mortos.»

Antes de encerrada a audiência preguntou D. Pantaleão quando teria de morrer, respondendo os juizes que no dia seguinte, logo pela manhã. Objectou D. Pantaleão que não teria tempo para preparar a sua consciência, requerendo maior dilação. O tribunal concordou em transferir a execução para segunda-feira seguinte. E foi encerrada a audiência.

INFRUTIFERAS TENTATIVAS DE FUGA

Durante os três dias que faltavam para a execução, quiseram fazer fugir os réus, mas a tentativa falhou porque um médico confidente traiu o segredo. O embaixador de Portugal e os seus amigos empregaram todos os esforços para conseguir de Cromwell o adiamento da execução. Tudo em vão! Bem se importava o ditador, que fizera degolar o Rei Carlos I, com a vida dum simples fidalgo estrangeiro!

No domingo, véspera do suplicio, tentou-se outra evasão. Duas inglesas de alta gerarquia foram visitar o preso e uma delas trocou os vestidos com o traje do encarcerado, que assim disfarçado conseguiu atravessar muitos corredores da Torre, até que, já perto da rua, foi reconhecido pelos guardas. A fatalidade perseguia o desgraçado!

Na segunda-feira, pela manhã, o embaixador foi a casa do secretário de Estado e firmou com elle todos os artigos do tratado de paz negociado entre Portugal e a Inglaterra e no qual se concediam aos ingleses muitas vantagens comerciais, entre ellas a redução de 23% nos direitos aduaneiros que em Portugal se percebiam pelas mercadorias importadas da Inglaterra e ainda a abolição dum imposto extraordinário de 3%, que fora decretado no ano anterior. Esperava o embaixador que estas concessões seriam o preço da vida de

(Conclui na pag. 14)

O caso da

Está preso um ateu
alemão acusado de não



no Vaticano

ter deixado ouvir o
discurso do Papa

OS SEGRÊDOS

DA

"MÃO NEGRA"

A ORGANIZAÇÃO DE FILIAIS

(Conclusão)

O novo Estado do Vaticano merece um curioso confronto com os outros Estados. Andorra, S. Marino, Luxemburgo, Monaco e o escravidão Montenegro, sendo igualmente miniaturais, têm uma feição nivelada à sua pequenez geográfica. O Vaticano, uns palmos de terra muralhados à volta, dentro da capital de um reino, possui um dinamismo de grande Estado e funciona ao ritmo e com maior solenidade do que muitos Estados poderosos. O chefe desse Estado — o Pontífice — dispõe de um governo especial, espalha pelo mundo uma rede de plenipotenciários, possui junto a si todo um corpo diplomático estrangeiro. Tem um exército de 300 soldados surtos e 42 oficiais. Tem a sua aristocracia, as suas finanças, a sua Bolsa, as suas moedas, as suas notas, o seu Banco emissor, as suas estampilhas e selos, a sua imprensa... O que muita gente ignora é que o Vaticano possui também uma polícia — uma polícia secreta, um *Intelligence Service* especial, dedicado, dentro e fora do Estado, dentro e fora da Itália, aos mistérios e à espionagem dos assuntos que interessam à alta pilotagem católica-apostólica-romana...

O chefe supremo dessa polícia de espionagem Papal é o Conde de Bonelli, que dirige cinco brigadas, cada uma composta de um comissário, dois inspectores, quatro *detectives* e oito agentes. Ignoramos se esse corpo policial tem tido muito ou pouco que fazer até agora. O que sabemos, sim, é que todo ele se agitou há poucos dias, numa extraordinária actividade, e que (não costumamos regatear louvores a quem os merece) se saiu brilhantemente dessa primeira missão detectivesca — caso tenha sido a primeira...



Lewis Waber, o ateu alemão preso em Berlim por causa da alocação do Papa pela T. S. F.

partida do rápido que os devia conduzir à fronteira manteve-se numa conferência nervosa e inquieta com eles. Entretanto, os romanos que conhecem os vários polícias secretas do Papa viam-nos cruzar as ruas da capital, numa azáfama preocupada. E logo se espalharam vários boatos... Que acontecimento grave teria sucedido para que todos os *detectives* do Vaticano andassem naquele alvorço? Só 48 horas depois, através duma notícia publicada no *Tage Zeitung* de Berlim (o único que fez referência ao assunto) houve uma vaga explicação do mistério... É que, na noite de 12, Sua Santidade tinha pronunciado o seu primeiro discurso a todos os cristãos espalhados no mundo, aproveitando-se desse invento da ciência que noutra época teria levado o seu descobridor às fogueiras do Santo Ofício, mas que no século XX entrou livremente no Vaticano: a T. S. F. Houvera uma emocionada

espectativa em toda a Humanidade católica... Marconi estivera pessoalmente na Santa Sé, experimentando o aparelho emissor — que era, já se vê, o mais perfeito que existe. O bocal estava ornamentado artisticamente. O Pontífice, comovido, acercara-se do microfone e rasgara o seu coração de pai e de filho em sábias palavras de piedade. Mas — Oh! sacrilego imprevisito! — uma força misteriosa se antepusera a tão generosa acção — de forma que as suas santas palavras, embaciadas ao princípio, acabaram por ser quase completamente abafadas sob uma tempestade de ruidos usurpadores que mal deixaram os milhões de ansiosos ouvintes escutar o que o Papa proferira...

Ao princípio, ao ter-se conhecimento do fraco resultado dessa tentativa, atribuiu-se a acaso o seu pouco êxito... Mas reflectindo melhor concluiu-se que não era possível haver fatalidades, acasos em tão altas e santas intenções. O que houvera, sim, era crime, sacrilégio, mefistofelismo... E para isso lá estava a polícia do Conde de Bonelli...

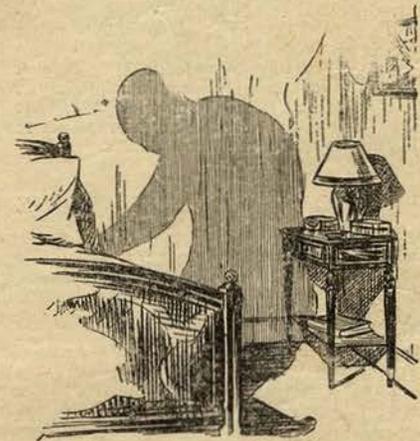
Pouco depois o *detective* Belda tinha uma pista. Foi pinçá-la a Paris — mas de Paris ela o conduziu até Berlim. Chegou às 2 horas da tarde e às 5, ajudado pelos agentes alemães, invadiu uma casa de Goethe Strasse n.º 72, antigo Centro dos Spartakistas, hoje sede dum grupo de livre-pensadores. Nas águas-furtadas do prédio foi encontrado um poderoso e clandestino aparelho transmissor de T. S. F., adquirido dias antes, sendo a seguir preso o presidente do grupo, o escritor anarquista Lewis Waber. Quando o jovem ateu soube o motivo da sua prisão, soltou uma gargalhada e respondeu: «Chamem Marconi! Chamem Marconi! E ele há-de rir-se das vossas acusações como eu me ri!»

Norma, a «Rainha das Pérolas»

(Continuação da pag. 7)

delixasse vêr ainda o «chapeu de pérolas», a última novidade exhibicionista da actriz, cujo valor estava calculado em 500.000 corás e a que ele, pouco antes, não mostrara grande atenção. Validosa e sorridente, Norma abriu pela segunda vez o armário cofre — mas logo, empalidecendo, mudou de expressão. O «chapeu de pérolas» tinha desaparecido. Norma não é mulher que se detenha em gestos sentimentais e, chamando telefonicamente a polícia, fez prender todas as pessoas que estavam em casa, inclusive os dois apaixonados, com o argumento de que ao fechar o cofre pela primeira vez, o precioso chapeu ainda lá estava... No dia seguinte recebeu uma carta anónima dizendo que enquanto ela mantivesse a prisão do jornalista e do banqueiro não receberia as pérolas roubadas. Cedendo ao aviso, fez com que a polícia libertasse os presos; e naquela mesma noite, ao regressar a casa e ao abrir o cofre... encontrou lá de novo o chapeu... Até hoje o mistério permanece indecifrável, embora Norma tenha encarregado de o descobrir o mais célebre *detective* húngaro. Quem seria o ladrão das pérolas? Um dos visitantes? Os dois? Nenhum deles? Como teriam operado? Quem escreveria o aviso? Qual o mobil da proeza visto que o furto foi voluntariamente restituído?

A «Maffia» central de cada país (existem «Maffias» em Espanha, França, Servia, Polónia, Hungria e... em Portugal, na Europa; nos Estados Unidos, Mexico, Cuba, Guatemala, Brasil, Venezuela, Argentina e Chile, na America; no Transvaal, Egypto, Tunisia, Marrocos, na Africa; na India e Japão, na Asia), gozando de grande autonomia, não pode contudo



A sombra da «Mão Negra» alastrava-se por todos os lares...

conceder a fundação de uma nova filial sem que venha um *Camorrista-Nato* («Umbilical», segundo o termo do código ou seja da confiança do Mestre Supremo de Napoles) assistir à sua organização. O número de filiados que uma célula necessita, depende da importância da terra. Contudo esse número nunca é inferior a trinta camorristas, dos quais metade deve pertencer já anteriormente à seita, e a outra metade pode ser aliciada no próprio local. Dividem-se em três classes: a que forma o Quartel General, a que executa as grandes proezas ordenadas pelo chefe e a que auxilia os executores. Estes últimos, apodados de *átomos*, são espalhados um pouco por toda a parte. Para se ter uma noção exacta do funcionamento de uma dessas filiais, basta conhecer a organização da de Boston.

A «Maffia» de Boston compõe-se de quasi dois mil camorristas. O Quartel General é formado por cento e doze; os executores elevam-se a quinhentos e oitenta; os mil e trezentos restantes (os *átomos*) estão distribuídos pelas seguintes

(Conclui na pag. 14)

O segrêdo da fuga de Rebelo

O verdadeiro plano da fuga do homem do desfalque — A ciência... de fugir — Um herói de Sardou — O abade Lebray e o «Affaire des poissons» — A rara audácia de Casanellas — «Fantomas» — o... «rei da evasão» — A «garçonnière» do Bairro Andrade — Rebelo corista... ou tenor... de zarzuela



A 1 hora em que este jornal fôr buznado pelo pregão estridente dos ardinas — deve ser já do conhecimento de toda a gente o itinerário e peripécias angustiosas da fuga, das imprudências e da prisão de Rebelo — o homem do desfalque de onze mil contos. Poucos são os detalhes que podemos acrescentar à reportagem dos diários — mas, como são realmente interessantes, não os regateamos.

OS REIS DA EVASÃO

Uns dizem: «Se fôsse eu que tivesse feito tão quantiosa escamoteação e me visse descoberto havia de arranjar uma reserva monetária e um processo de me esconder ou de fugir — que ao menos passaria o resto da minha vida regalada, sem cair nas mãos da policia.» Os outros, os que, se não vêem com simpatia declarada a falta de Rebelo (as escamoteações de mais de 100 contos são quasi sempre simpáticas a certa gente), sentem, incondessadamente, um misto de inveja pelo dinheiro escamoteado e de pena por elle não ter conseguido escapar à justiça, commentam a sua prisão de forma diferente: «Que pateta! Deixar-se cair assim na boca do lobo! Afinal — tão esperto para uma coisa e tão pouco para outra.» E uns e outros supõem que se fôsem elles escapariam forçosamente ao castigo...

Antes de mais nada é preciso ter em conta que quando um individuo se vê descoberto não dispõe da serenidade com que os comentaristas gizam os hipotéticos planos de fuga. Para fugir, para escapulir-se pelas estreitas malhas da organização moderna da policia, é necessário uma grande calma, um projecto preconcebido e friamente calculado, toda uma maquinaaria antecipadamente construída; é preciso sobretudo ter o génio da evasão — que



Em cima: Eduardo Argos, o célebre «Fantomas» — o «rei da evasão» — que foi preso em Lisboa em 1917. Ao lado: Casanellas, o único dos três autores da morte de Dato que conseguiu escapar a policia.



bray, que Sardou aproveitou no seu «Affaire des poissons» e que, em pleno século XVII, conseguiu fugir 17 vezes das fortalezas, das torres, dos cárceres subterrâneos melhor guardados e trancados — e até das próprias galés, onde, sempre por crime politico, era obrigado a remar noite e dia, com uma grilheta nos tornozelos! Como? Conheço apenas a técnica de uma das suas fugas — e ela é, de facto, estupenda! Meteram-no numa masmorra da Bastilha e Lebray, em vez de fugir logo — fingiu apenas que se evadira, ocultando-se na própria masmorra. Os guardas deram o alarme, percorreram a prisão de alto a baixo; os esbirros do governo buscaram-no por todo Paris — sem resultado. E só um mês depois, quando d'elle se esqueciam já; quando a porta da masmorra estava sem trancas e sem sentinelas, visto que a supunham vasia — é que o endiabrado abade decidiu, tranquilamente, a sua evasão...

Um célebre criminalista inglês, Oliver Thompson, diz que 90 por cento dos crimes impunes, dos prisioneiros que fogem sem ser recapturados e dos criminosos que não se deixam prender, pertence a individuos que cometem o primeiro crime, que são presos pela primeira vez ou que pela primeira vez fogem da policia. A verdadeira vocação da evasão nasce, quasi sempre, nos amadores do crime, nos que cometem um só crime. Raro é o profissional que possua o génio da fuga...

O SEGRÊDO DA IMPUNIDADE DE CASANELLAS

O specimen mais eloquente que conheço é o caso de Casanellas. Do trio que assassinou Dato — Nicolau, Mateo e Casanellas — era este o mais inteligente, o mais calmo — o que possuía o virtuosismo da evasão. Elle nunca estivera preso nem cometera o menor delicto. Quando foi a conjura impôs aos cúmplices as seguintes condições: «Cada um de nós prepara a sua fuga antecipadamente e sem o revelar aos outros; e logo que tenhamos cumprido o juramento feito — separarmos-nos para sempre». Vieram de Barcelona para Madrid em dias diferentes — cada um com a sua missão. Nicolau encarregou-se de alugar uma loja numa rua deserta e próximo de Alcalá; Mateo, de comprar o *side-car*, que devia ser guardado, de noite, na loja; Casanellas de estudar o plano... Na noite do crime, os três dentro do *side-car*, seguiram o «auto» de Dato até ao ponto mais escuro de Alcalá, onde dispararam as pistolas, fugindo imediatamente para a loja onde, ocultando o *side*, se despediram e separaram. Dois dias depois era preso Nicolau; cinco meses mais tarde, a policia de Berlim prendia Mateo — quando este, pachorrentamente, depois de ter conseguido passar duas fronteiras, a francesa e a alemã, se preparava para entrar na Russia. Casanellas, que foi o mais perseguido, o que aguçou mais a fúria e o amor próprio da policia, foi o único que gozou e goza de absoluta liberdade... Eis o segrêdo da sua fuga: Separando-se dos cúmplices, dirigiu-se ao porto, só por elle conhecido, onde guardava uma mala com etiquetas dos principais hotéis da Europa. Dez minutos depois misturava-se com os viajantes que chegavam do «rápido» de Paris e com elles se dirigiu ao mais luxuoso hotel de Madrid: o «Palace». No «Palace» apresentou um passaporte de cidadão argentino e fez constar que

A tentativa, pela policia alemã, de reconstituição da fuga do contorcionista «Massini», da Prisão Central de Berlim

(Conclui na pag. 14)

Os Mistérios da Semana

O ASSASSINO DOS LOUCOS

NOS primeiros dias da última semana, uma família parisiense bem conhecida — a do perfumista da Rue de la Paix, Mr. Chardreau, tendo em casa um velho parente apatético, que todos estimavam e acarinhavam, requisitou, por anúncio, um enfermeiro especializado para cuidar do doente. Apresentou-se um velho de olhar estranho, sim, mas de modos suaves. Contrataram-no. Ao cabo de uma semana chamou de parte os donos da casa e evocando a sua experiência aconselhou-os a chamar um padre para sacramentar o doente: «Ou muito me engano ou o fim do pobre ancião está próximo!» Veio o padre; e com

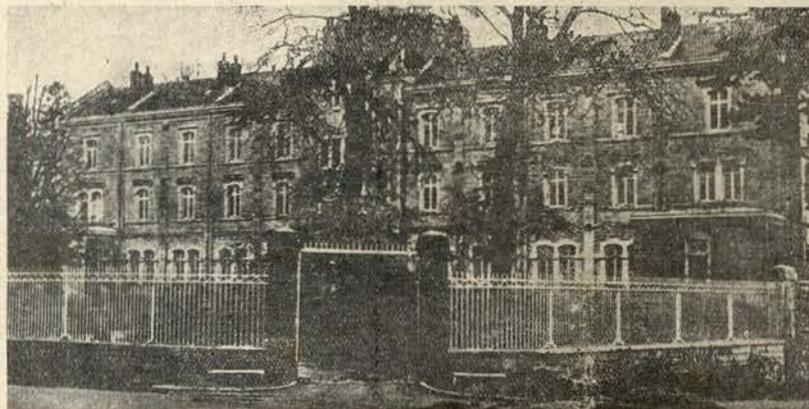
A polícia prendeu o enfermeiro e, investigado o caso, chegou a esta possível conclusão: Thahuis, filho de boas famílias, começara a sua vida como comerciante. O vício do álcool arruinara-o. Tentara, aos 35 anos, recomeçar a sua vida como enfermeiro. Fora expulso de três hospitais antes de ser admitido naquê, onde acumulava com suas funções de enfermagem as de cozeiro, ganhando um franco por cada enterro. E para ganhar esse franco, que nessa época (1904) correspondia a uma garrafa de vinho e 10 absintos, decidiu liquidar os doentes confiados à sua guarda. Detalhe macabro: Na véspera de todos os seus crimes, chamava o sacerdote para sacramentar as vítimas, dizendo que lhes notava sinais de morte próxima.

rito desequilibrado. Segundo declarou, despertara no meio da noite, encontrando junto ao seu leito um mascarado que tentara raptar-lhe o sagüim que dormia ao seu lado. O assaltante, ao ver a velha acordada, apontou-lhe uma pistola e apresentou-lhe um dilema: ou ela lhe entregava o bicho de livre vontade — ou então seria morta sem piedade. A bulgara, que amava o macaco porque o macaco — dizia — era a viva encarnação da alma do defunto marido, defendeu-o heróicamente. O invasor, mais forte, atordoara-a com a coronha da pistola e fugira com o sagüim; ela viera-lhes na peugada e ao chegar ao patamar, nova violência do ladrão a deitara por terra. Alguns dias depois, a pobre bulgara morria em consequência dos ferimentos recebidos. O misterio manteve a sua densidade durante dois meses; e só há poucos dias é que a polícia cubana o conseguiu desvendar. Faleceu, no princípio do ano passado, uma milionária cubana, Carmen Rodriguez Pujez, cuja única paixão era um sagüim... que herdara do falecido marido. O sagüim passava uma vida de príncipe. Tinha creadas e creados exclusivamente dedicados ao seu tratamento. As suas refeições custavam uma fortuna diária. A milionária morreu e aberto o testamento viu-se que elle constava de poucas linhas: «Deixo toda a minha fortuna ao meu mordomo e aos seus descendentes, para que cuidem do meu sagüim com as mesmas atenções com que o cuidavam em minha vida e enquanto elle viva. Ficam os meus amigos Fulano e Beltrano encarregados de inspecionarem o bom cumprimento desta minha vontade. No caso de haver descuidos ou no caso do meu querido bicho morrer, a minha fortuna passará para Fulano e Beltrano».

O mordomo, subitamente milionário, refinou de gentileza para com o sagüim, para não perder aquele paraíso monetário. Mas eis que o bicho, nostálgico dos carinhos da sua dona, pouco tempo lhe sobreviveu. O mordomo, ao vê-lo morto, ia enlouquecendo.

Ocultou a desgraça a toda a gente até que alguém o informou da existência de um sagüim gemeo. E elle, que fora sempre um homem honrado, sabendo que a velha bulgara não venderia o seu companheiro por preço algum, resolveu apoderar-se d'elle por qualquer preço. Assaltou a pensão e ao vê-se descoberto lutou, ferindo mortalmente a velha. De nada lhe serviu a habilidade — visto que foi preso e espera ser julgado por homicídio, assalto à mão armada e outras ninharias que o código prevê — mesmo em Cuba.

Macacos milionários! E tanta criança com fome...



O manicómio de Saint-Ylie (França) onde Thahuis assassinou cinco loucos em menos duma semana

o padre um médico alienista que, mal viu o enfermeiro, gritou: «Quem trouxe este homem para aqui? Expulsem-no imediatamente, ou de contrário o vosso louco poucos dias terá de vida». Por louco seria tomado o médico, se o enfermeiro, fugindo afogueadamente, não viesse dar razão ás suas palavras...

Eis a explicação do mysterio: Em 1909, num manicómio de Saint-Ylie (Jure) França, o enfermeiro, de nome Thahuis, encarregado do pavilhão n.º 3 (o pavilhão dos loucos gotosos, paralíticos e incuráveis) informou o médico de serviço, Dr. Bodord, que morrera subitamente o internado Garneret — um velho de 61 anos... O médico ordenou que o cadáver fosse levado para a Morgue. A lei e os regulamentos mandam os médicos examinar os cadáveres dos internados antes de saírem da enfermaria — mas... nem sempre os médicos estão para se incomodar. Quando o enfermeiro lá a cumprir as ordens recebidas encontrou um grupo de colegas que se opôs a isso: «Tu não levas de aqui esse morto sem que um dos doutores o veja». O Dr. Bodord, ao conhecer a attitude do seu pessoal, interrogou-o, e ouviu: — «E' o quinto internado que morre, em menos de oito dias, no pavilhão n.º 3 — todos á mesma hora, á hora em que Thahuis está sózinho com os loucos — e todos morrem nos seus braços, sem que sejam examinados por V. Ex.». O médico, acompanhado por dois colegas, preparou a autopsia; mas antes de a iniciar constatou logo que o peçoço do cadáver estava cheio de manchas negras, vestígios nítidos de estrangulamento. Desenterrados os outros cinco corpos — dois d'elles estavam em tão adiantada decomposição que era impossível autopsiá-los, mas os outros três revelaram a mesma morte e um, o do mais jovem de todos, resistira ao assassinio, tendo-lhe este quebrado várias vértebras com o joelho.

Depois, esperava a hora em que ficava sózinho no pavilhão n.º 3 e estrangulava-os... Não confessou o crime, tentando defender-se com o argumento de que os loucos se tinham morto... uns aos outros. Era tão inverosímil a sua defesa que os juizes riram ao escutá-lo. Contudo, como os legistas o deram por alcoólico irresponsavel — apenas foi condenado a 15 anos de degrêdo. Regressado a França há dois anos — ignora-se o que fez até agora. O que se sabe, porém, é que o castigo não o curou da sua tara e que o facto d'ele ter aconselhado a família do velho confiado aos seus cuidados a chamar um sacerdote significa que elle premeditava, como em 1909, um novo crime. Felizmente que o médico que acompanhava o padre e que o reconheceu, foi o próprio Dr. Bodord... De contrário, o doente estava perdido. A policia francesa procura agora saber em casa de quem esteve elle, antes daquela, a fim de averiguar se os seus doentes... também morreram de morte súbita.

O SAGUIM MILIONÁRIO

SE o caso não viesse num diário da gravidade de *El Mercurio* de Havana — espécie de *Diário de Noticias* cubano, não seria talvez digno de crédito. Existia na capital de Cuba uma pensão dirigida por uma velha bulgara, a quem o espiritismo transformara o cérebro e que passava a vida a falar com as almas. O seu companheiro inseparavel era um sagüim de estranho aspecto, um senhor homem liliputiano com tons azuis, vermelhos e brancos no fociño — pelos quais lhe deram o cognome de «bandeira francesa». Uma manhã alvorçaram-se os hóspedes da velha louca. A bulgara foi encontrada desmaiada, caída de bôrco no patamar; e ao voltar a si contou uma história que todos atribuíram á fantasia mórbida do seu espí-

O SEGRÊDO DOS LEPROSOS EM PORTUGAL

(Continuação da pag. 6)

combateu a sério a lepra; nunca se criou uma garfaria moderna como esse santo que é o pastor protestante Felipe Delord criou em La Vaibonne (França), que já hoje abriga 2.000 leprosos...

Temendo que a questão se azedasse — intervím — dizendo: «Acabo de lêr no jornal espanhol «Agora» a noticia de que um sábio japonês encontrou definitivamente a cura da lepra...»

Z., tão silencioso durante a controvérsia, pulou para junto de mim e sofredamente me pediu para eu lhe mostrar o diário espanhol. Estranhei, confesso, o seu alvoroço...

Quando, meia hora depois, os dois médicos saíram do meu gabinete, Z., ofegante, como quem não pode conter um segredo, desabafou comigo: — «Éle tem razão... Existe de facto uma seita de leprosos em Portugal. Mas não fales nela no «Reporter X»... Espera pelo menos que se confirme essa noticia da descoberta...»

A noticia confirmou-se ante-ontem. Eis a razão porque eu falei do assunto. E porque seria que Z. me pediu o meu silencio?...

R. X.

O TRAGICO ENIGMA DA MORTE DE PAZ FERRER

(Uma página inédita da "Semana Trágica" de Barcelona)

O homem que amou platonicamente a filha do fuzilado de Montjuick não repousa enquanto não descobrir a verdade

DE repente, Nicanor Rosales cofiou a barba grisalha que lhe roubou o aspecto de antigo bandarilheiro e interrogou-me: — «Mas interessa-lhe, de facto, o assunto?» Tratava-se da morte misteriosa, em Samois, num dia de Maio de 1913, de Paz Ferrer, a filha mais nova de Ferrer, fuzilado em Montjuick em 13 de Outubro de 1909. Rosales é um nome, por mim inventado, de um auzar revolucionário catalão da «Semana Sangrenta» e «componente» da «cuadrilla» de um «espada» que gozara então de renome. Foi numa pequena casa de pasto, numa ruca estreita de Madrid antiga que eu o conheci. Reencontrei-o há pouco no Porto. Enfiámos pelo bar contíguo ao Hotel da Batalha, onde se encontrava hospedado. Falou-se da «Semana Sangrenta».

— Os assassinios misteriosos de Barcelona têm de ser descobertos um dia, assim como há-de ser desvendada a morte não menos misteriosa de Paz Ferrer, em Samois.

— Acredita-se num crime? — perguntei.

E ele começou:

— Pode dizer-se que a origem dos tristes sucessos da «Semana Sangrenta» foi a impopularidade da guerra do Rif resolveida por Maura, então no poder com La Cierva. Os rifenhos, armados, impediam a invasão dos espanhóis, que pretendiam obrigar os árabes a respeitar a propriedade de algumas minas, cujo principais accionistas eram o Conde de Romanones, que succedeu a Canalejas, e o Marquês de Comillas, famoso milionário protector dos jesuítas!

«Por toda a Espanha se sentem, numa nitidez de ameaçadora avalanche, as ondas ululantes da rebelião! O governo começa, de certo modo desorientado, tomando as medidas de defesa, mas a greve estoura a 27 de Julho e são presas 150 pessoas em Madrid. Em Barcelona a confusão é indescrevível. Foi declarado o estado de guerra. Barcelona é um verdadeiro e infernal campo de batalha. A greve, aqui, antecipou-se um dia. A's 19 horas de 26 de Julho generalizou-se a toda a Catalunha. Trava-se luta entre o povo e a policia. Ardem os conventos incendiados pela população revoltada. Barcelona achou-se completamente isolada do resto da Espanha. Todas as comunicações estavam cortadas, linhas férreas, telégrafos e telefones. Contra o terrorismo oficial rebentou novamente o terrorismo revolucionário. Em 23 dão-se dois atentados terroristas em Barcelona. Os republicanos Sol y Ortega e Lerroux partiram para Paris. Em 1 de Setembro, Barcelona assiste à prisão de Ferrer. Apontado às autoridades como responsável pelos acontecimentos de Barcelona, por motivo de campanhas nos jornais conservadores, Ferrer é preso, em 1 de Setembro, em Alella, sua terra natal. Esteve durante um mês na incomunicabilidade. Interrogado no próprio dia da sua prisão, pelo major Vicente Llivina y Fernández, este logo se convenceu da inocência do acusado. De nada valeram os protestos e as provas de inocência apresentados pelo criador da Escola Moderna. Ferrer apresentou-se no tribunal grotescamente vestido—tinham-lhe tirado o fato habitual, vestindo-o com outro de aspecto miseravel. O processo estava de molde a apresentar Ferrer como um bandido. O tribunal votava por unanimidade a pena de morte para o homem que quatro anos mais

tarde havia de ser reabilitado pelos próprios tribunais espanhóis!

E Nicanor Rosales, olhos chamejantes, ajuntou lugubrememente:

— Assinaram essa vilíssima sentença, para que a História os julgue e condene, Eduardo Aguirre, Pompeyo Martí, Sebastian Carreras, Manoel de Llanos, Aniceto Garcia e Julio Lopez! A 12 de Outubro, sabido que o conselho de ministros havia confirmado a sentença—foi dado conhecimento a Ferrer do tristíssimo facto. Encarou friamente o seu destino e disse,



O ex-toureiro a quem o «Reporter X» deve esta reportagem

Denis Varnois, o homem que amou platonicamente Paz Ferrer

admiravel de coragem: «*A tout seigneur tout honneur!* Vou ser fuzilado mas os senhores também hão-de morrer!

«Na madrugada da execução Ferrer comeu com apetite e esperou tranqüilamente a morte. Chegou a manhã trágica de 13 de Outubro. Fôram buscá-lo ao oratório, onde passara toda a madrugada de pé, e perguntaram-lhe: — «Tem algum pedido ou reclamação a fazer?» — «Quería simplesmente não ser forçado a pôr-me de joelhos, ficar de pé, de frente, e não ter os olhos vendados.» Só o último pedido lhe não foi satisfeito. A's 9 horas da manhã, formado o quadrado, vendaram-lhe os olhos. Apontaram-se as espingardas e ouviu-se ainda, heroico, clamar para os soldados: «*Hijos míos, apunatad bien. No tenéis la culpa. Soy inocente. Viva la Escuela Moderna!*»

«Ferrer tinha duas filhas, Trinidad e Paz. Paz Ferrer partiu, com sua mãe, para a Australia, tendo regressado à Europa já mulher. Sentira inclinação para o teatro, que seu pai nunca perturbou, antes ajudou, e fez-se actriz, obtendo um contrato para o Odéon. Quando do assassinio de Ferrer, Trinidad e Paz encontravam-se em Paris. Paz Ferrer era uma rapariga religiosa, que nunca perdoou a morte infame de seu pai. Quando foi conhecida a condenação à morte do fundador da Escola Moderna, Paz Ferrer, com o coração alanceado

de dôr, enviou de Paris a Afonso XIII este comoventíssimo telegrama, que é um verdadeiro brado de angustia: «Rei cristianíssimo, que para um povo cavalheireso simbolizais a generosidade e a omnipotência, dignai-vos atender a humilde e ardente súplica da filha de Ferrer! Oh rei! que, como próprio Deus, podeis dispôr da vida e da morte, dissipai, por um impulso do vosso nobre coração, a amargura da minha alma e escutai a humilde e ardente súplica da filha de Ferrer!» Estas palavras, que são nervos, que são sangue, que são alma, fôram bater num bloco de gelo. Nada!

«O jesuitismo, porém, sentiu com este telegrama, e outros, que começava a faltar-lhe o terreno. Paz Ferrer era em Paris a mulher do dia e bastava olhá-la, sempre vestida de negro, para sentir a sua tragédia. No dia do fuzilamento Paz dirigia-se à redacção do *Matin* para saber notícias. A poucos metros da porta do edificio do grande cotidiano europeu ofereceram-lhe um exemplar dum jornal que em grossas paragonas anunciava o espantoso crime. A desventurada ainda pegou no jornal, mas caiu, redonda, no chão, sem sentidos. Ergueram-na da rua dois redactores do *Matin*. E o único lenitivo que a desgraçada teve nesse instante angustioso foi saber que seu pai soubera morrer como um homem. Paz Ferrer, depois do assassinio do pai, sentiu esmorecer muito a sua crença religiosa. Continuou trabalhando no teatro, mas já não era a mesma adorável rapariga de outrora, cheia de vida e fervor. O desgosto mortificara-a. Recebia visitas em sua casa. Contratada do *Théâtre des Arts*, os seus momentos livres occupava-os em conferências misteriosas com individuos de várias nacionalidades. A sua ideia obcecante é reabilitar a memória do pai.

«[Creio—ajuntou Rosales—que chegou a receber na sua casa o capitão Jesus Morin Rafalés, o acusador público de seu pai. Que se teria passado nessa conferência? Segredo impenetravel, agora que ela já morreu. O certo é que deixou subitamente de ir ao *Théâtre des Arts* pretextando uma doença. Mas parece estar averiguado que nesses dias ela começou a receber a visita de um sujeito alto, espanhol, de cara rapada, que vestia completamente de negro, usando «plastron também negro».

«Houve umas três ou quatro conferências na casinha de Samois, situada na floresta de Fontainebleau, retiro escolhido por Paz Ferrer. «Poucos dias depois, a filha do fundador da Escola Moderna falecia misteriosamente de *desalento*, disse-se nessa altura, no seu recanto quasi ignorado de Samois, sem que o estranho visitante negro tivesse voltado a procurá-la.

Nicanor Rosales calou-se subitamente, fincando os cotovelos na mesa e tapando os olhos com as mãos.

— Foi assassinada? — perguntei, comovido emocionado por esta morte estranha dessa mulher que eu nunca vi.

— Talvez! Mas há-de descobrir-se... Existe algum que há mais de vinte anos procura a verdade... Chama-se Denis Varnois—e é fidalgão francês. Gastou já parte da sua fortuna e parte da sua mocidade na ansia de vingrar Paz Ferrer, que ele amou em silêncio, sem nunca se declarar.

LUIS VAZ

Homens & Factos do Dia

(Continuação da pag. 3)

cuidades — o que a realidade confirma — para ser advogada, médica, escritora, sacerdotiza, que se lhe dêem liberdades para exercer tôdas estas e outras actividades úteis de bem-estar comum. Se quiser ser deputada, presidente da República (ela tem governado como rainha) e reger o destino dos povos, que não se lhe tôlha a realização dessas ambições, tão legítimas nela como no homem. Limitá-la à sua função maternal é dar-lhe o direito de querer limitar os homens à função de pais. Que seja a mulher, primeiro e acima de tudo, boa mãe é tão essencial à vida colectiva como ser o homem bom pai. Mas que uns e outros se esforcem também por atingir o mais elevado grau de perfeição nas outras actividades úteis, será o ideal. E é dentro desta maneira de sentir que nós somos e seremos, enquanto as palavras conservarem o seu verdadeiro significado, modernos, progressivos e libertários.

Agora, bons amigos, transformar o amor livre — que é o amor sem imposição, livre perante a escolha, mas com deveres perante a espécie — em licenciosidade sexual, e mascarar-la numa palhaçada ignóbil, com as palavras progresso e moderno — isso é contrário ao ideal de pureza e dignidade humanas que tôdos os sinceros e verdadeiros idealistas, através das doutrinas mais diferentes na aparência, querem alcançar.

Aqui ficam, pois, em nosso nome e em nome de outros que desejariam proclamá-las tão alto como nós, estas afirmações peremptórias: as meninas modernas que procuram casar-se ou ligar-se a velhos abastados, porque em vez de uma sensibilidade normal possuem apenas um interesse mesquinho, não simbolizam o progresso, mas corrupção de costumes; os rapazinhas bem postos que buscam ansiosamente insinuar-se no ânimo de velhas ricas e iludidas, são piores do que os souteneurs de baixa esfera, e não são tão pouco os rapazes modernos que aparentam; as mulheres casadas que se entregam a mal disfarçadas aventuras de adultério não correspondem, nem de longe nem de perto, ao ideal de amor livre que proclamam os bem intencionados.

Tôda essa corrupção é muito antiga — e por ser antiga e se mascarar com os atavios da moda mais recente é que os homens do seu tempo, concededores do insofismavel significado das palavras progresso, liberdade e moderno, devem combatê-la sem tréguas.

MARIO DOMINGUES

O SEGREDO DA FUGA DE REBELO

(Continuação da pag. 11)

vinha à Europa tratar-se de uma antiga doença. Como se prevenira com o capital suficiente, pagava em dia as suas contas, poucas vezes saía do seu quarto e por meio de cartas anónimas e denúncias telefónicas, desorientava a policia. Quando esta, depois de prender Nicolau, perdeu toda a esperança de o pinçar, ele, tranquilamente, como cidadão argentino com um ano de residencia em Espanha, visou o seu passaporte e, sem perda de uma só noite, partiu para a Russia, não dando tempo a que a sua passagem por qualquer dos países do percurso despertasse suspeitas. Uma vez na Russia, alistou-se no corpo da aviação, de onde é hoje major e onde vive tranquilamente.

UM «TRUC» DE «FANTOMAS»

Outro caso de habilidosa fuga é o do «rato de hotel» Eduardo Argos, o célebre «Fantomas» que já foi prêsno em Lisboa. Denunciado na Suíça e sabendo que tôdas as fronteiras estavam fechadas, avisou a policia, em nome do «detective» encarregado da sua perseguição, de que o «Fantomas» devia tentar sair para a Alemanha no dia tal ás tantas horas e por tal fronteira. Ele próprio compareceu no local, com uma carta falsificada na qual ordenava ás autoridades da fronteira, em nome do «detective», que se confiasse no portador porque ele, melhor do que ninguém, podia surpreender o célebre gatuno. Fácil é de adivinhar que, com esta credencial, Argos passou a fronteira... defendendo-se a si próprio.

O PLANO DE REBELO...

Rebelo tinha um amigo, daquêles que nunca se aproveitaram das suas prosperidades artificiais para lhe pedir dinheiro emprestado, que na véspera da fuga lhe fez a seguinte proposta: «Tu deixa-te gular por mim, como se fosses um inválido, e eu te juro que não serás preso. E se duvidas ouve-me: Se dentro de cinco anos não tiveres sido incomodado pela policia tu pagas-me cem contos de réis, e no caso contrário sou eu que te entrego essa quantia.» O plano da salvação do «homem do desfalque», que alguém da nossa confiança, conseguiu obter e nos remeteu, era este: Depois de vários trabalhos, aliás fáceis porque ainda não havia queixa na policia, para apagar qualquer vestigio da sua saída de Lisboa, Rebelo demorava-se numa casa dos arredores o tempo suficiente dêsse amigo preparar uma *garçonnière*, já em vista, no Bairro Andrade, fazendo espalhar pela vizinhança que ia instalar um *faux ménage* com uma corista da companhia Rafaela Haro. Rebelo viria esconder-se nessa *garçonnière* com trajes femininos, passando a viver com grande recato até que afrouxassem as perseguições policiaes. Entretanto, esse seu amigo, que o visitaria duas vezes por dia, divulgaria sempre a noticia da sua *aventura amorosa*. Quando tudo serenasse, arranjavam o passaporte para que ele seguisse para a Argentina com uma companhia espanhola, modificando-se o plano no sentido de o restituir ao seu verdadeiro sexo, porque tão pouco seria fácil à policia marítima suspellar, depois de tanto tempo, que o autor do desfalque dos onze mil contos se anichasse dentro da figura dum «tenor de zarzuela». Uma vez em Buenos Aires bastavam-lhe doze horas para atravessar o Rio de la Plata e dêde que entrasse em Montevideo estava livre de castigo ao seu crime. No Uruguay não existe lei de extradição. Um rapaz portuense, tão bom coração como má cabeça, que há pouco tempo teve também o seu nome nos jornais devido a uma loucura semelhante, conseguiu a liberdade graças a um plano gêmeo. Creio mesmo que foi por conhecer esse caso que o amigo de Rebelo se prontificava a conseguir-lhe a impunidade. Mas este é assunto para outra reportagem — bem oportuna e sensacional — que publicaremos no próximo número...

Rebelo não quis aceitar os conselhos do amigo... Rebelo cometeu imprudências pasmosas. Rebelo, em suma, não possui a sciência do perfeito fugitivo...

REPORTER X

D. Pantaleão degolado por Cromwell

(Continuação da pag. 9)

seu irmão, mas Cromwell conservou-se inflexível, resistindo ás próprias súplicas dos seus amigos mais próximos. Enquanto o tratado era assinado foi enforcado o Inglês, creado do consul de Portugal. Quasi ao fim da tarde, Cromwell comutou a pena de força em decapitação.

Chegou, enfim, a hora fatal. Eram 5 horas da tarde quando D. Pantaleão de Sá e Menezes saiu da Torre de Londres. Trajava de luto rigoroso. Tomou lugar, com dois eclesiásticos, num coche tirado por três parelhas cobertas de panos negros. O cocheiro, lacaios e trintanários ostentavam largos crêpes. Atrás do coche de D. Pantaleão vinham duas berlindas com pessoal da Embaixada.

Chegado à praça da Bolsa Nova, onde fóra armado o patíbulo, D. Pantaleão apeou-se com ligeireza, abraçou os padres e os amigos e subiu sem comoção aparente a escada do cadafalso. Assistiu, impassível, à decapitação dum coronel Inglês que tentara contra a vida do Lord-Protector. Fez uma breve alocação, que a enorme multidão — mais de 50.000 pessoas! — que assistia à execução não conseguiu ouvir, de distante que estava, guardada por cavalaria. Depois, com serenidade, colocou o pescoço sobre o cêpo, ageitando com as próprias mãos o cabelo. O machado do algoz teve de ferir por três vezes para fazer cair a cabeça do fidalgo português.

Poucas horas após a execução, o embaixador de Portugal saía de Londres e foi esperar, num porto próximo, a caravela que havia de o trazer para o seu país. Depressa a morte o velo libertar da saúde e, talvez, dos remorsos, porque se dizia que fóra êle quem impelira D. Pantaleão ao crime, para vingança de supostas ou verdadeiras ofensas...

FREI GERUNDIO, *historista*

Os segredos da «Mão Negra»

(Continuação da pag. 10)

profissões: comerciantes, empregados no comércio, advogados, médicos, engenheiros, *chauffeurs*, operários, modistas, mundanas, *grooms*, etc., etc.. Vendo-se esta lista compreende-se a firmeza com que a «Mão Negra» executava os seus crimes e sobretudo como os preparava e como garantiu, através mais de um século, a sua impunidade. Os *átomos* não conheciam os seus chefes. Recebiam dêles ordens precisas e inconfundíveis, e ai dos que desobedecessem ou traissem a *causa*. Quando o chefe visava uma vitima, antes de dar o golpe agitava tôda esta rede de cúmplices submissos que o envolvia, de forma ao desgraçado não poder defender-se, a ser obrigado a ceder ou então, caso reagisse, a não escapar ao castigo. Graças à descoberta do «Código Secreto» da «Maffia» a policia americana começou uma luta sem tréguas, tendo em poucos meses efectuado perto de quinhentas prisões nas várias cidades norte-americanas e, entre vário material, 3.000... balaudraus que os camorristas usavam para executar as grandes proezas. Mas ao que se sabe os camorristas naquêles pais elevam-se a quinze mil e de Naples partiram já os mais célebres *técnicos* da seita para organizarem a defensiva...

(Copyright by «Reporter X»)

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

A "lei seca" americana em Portugal

(Continuação da pag. 7)

dariam o pretexto para a grande reportagem nascida no *Year Book*?

Nesse mesmo dia, no Passos Manuel, que é um ponto obrigatório de encontro do Porto, um comerciante de vinhos da Régua contou-nos, com pormenores, o caso de uma sociedade exportadora que mandara um navio de vinhos do Porto para uma república americana. A sociedade sabia muito bem que estava transaccionando com contrabandistas. Apresentaram dificuldades. Fizera um preço caro. O negócio fechou-se e o vinho foi embarcado. Os lucros eram verdadeiramente tentadores. Pois ainda hoje estão sem receber o dinheiro do embarque. O grande negócio foi uma ruína. O gerente da casa já lá foi, mas nada conseguiu ainda... — «O vinho — concluiu o meu informador — chegou ao seu primeiro destino, mas creio que não alcançou o segundo...»

— Nesse caso não se destinava à república para onde seguiu? — arisquel.

— Evidentemente, não. O engodo desse maravilhoso contrabando é o segredo de muitos *cracks* misteriosos do Norte. *Rebentou* Fulano... *Rebentou* Cicrano... Porquê? Ninguém sabe! Les, por pudor ou por velhacaria, fazem segredo desse negócio da China... Mas mesmo quando têm a sorte de lidar com contrabandistas... honrados, ariscam-se a mil perigos, sendo o mais frequente... o da mercadoria não chegar ao destino final. Esta epidemia de exportações para... o contrabando americano dura já há 2 anos! Chegam a vir aos molhos, e de todas as raças. Até japoneses... Vão a Gaja, percorrem o Douro, alucinam os vinicultores ingénuos... E alguns têm uma cara de fugir. Se não estiverem já na Penitenciária, lá irão parar...

Resolvi então enfrentar-me com o assunto, penetrar nos seus bastidores. A hora do almoço, num hotel colocado no centro da cidade, perguntávamos pelo argentino sr. D. Rafael Vasquez mandando-lhe um cartão onde escrevera... *representante de vinhos do Porto*. Uns minutos depois fomos introduzidos na sala de jantar. Ligeiros cumprimentos e comecei:

— Tive informações no Banco... de que o sr. Vasquez trata dum negócio de vinho do Porto. Interessava ao meu representado, produtor na Régua, o negócio. Desejava que me indicasse os tipos que lhe convinha...

— Para o embarque que desejo — respondeu-me o argentino —, deixei um negócio meio fechado ontem à noite. Mas, como sabe, isto é um negócio de oportunidade — e de muitas oportunidades. Voltarei a Portugal, dentro de um mês. Convenem-nos vinho barato. As despesas de transporte são enormes. Em geral, temos comprado o vinho do Porto na França. Vim aqui na esperança de fazer... melhor negócio e porque as pessoas com quem tratamos exigem o certificado de origem. Não basta um rótulo de *Port Wine*...

Rafael Vasquez fala muito e depressa. Fixámos... as condições, entregámos-lhe uns rótulos e demos-lhe o tempo preciso para que acabasse de almoçar. Cá fora, Emilio Loubet esperava-me com o reporter fotográfico. Era preciso fotografar o sr. Rafael Vasquez... Saímos. Encaminhei-o para a porta do «Camanho», frente à qual um Kodak o aguardava. E ao despedir-se, o argentino, com um sorriso optimista, teve um desabafo:

— Não há país para negócios como a America. Até há dois anos eu só sonhava com a vida. Foi um dia a Chicago e lá aprendi a viver... sem sonhar. E só lamento não ter começado há mais tempo... Adeus, e espero que hei-de comprar muito, muitíssimo vinho do Porto... para Cuba!

Rafael Vasquez já se foi embora de Portugal. Naquela noite, depois do espectáculo, conversámos muito. Bebêmos juntos. O seu anel tinha um brilho que vale, aproximadamente, quatro mil pêsos! Pertenceu a um português e tem uma história. Está ligado a um crime cometido em Portugal. Mas isso... é outra reportagem...

ERNESTO DE BALMACEDA

Um português ao serviço secreto da França

(Continuação da pag. 5)

anos de guerra, fuzilou mais de um milhar de espíões, dos quais existe um número respeitável que está já reabilitado porque, embora um pouco tarde, se provou a sua inocência. Nas estatísticas oficiais não figuram os fuzilamentos próximos das linhas de fogo, onde o nervosismo do perigo precipitava as execuções sumárias. Mas a Alemanha, que censura tanto neste ponto a severidade da justiça de guerra dos franceses, matraqueando constantemente o nome de Mata-Hari, não pode esquecer-se de que mais de três mil indivíduos foram por ela executados no mesmo período, entre eles *Miss Cawell*. O crime de espionagem só é grave durante a guerra, e aqueles que conseguem enganar a justiça, ou provar a sua inocência, podem viver tranqüilamente o resto da existência... A acusação que pesou sobre eles depressa se esquece. Se hoje fôssemos a recordar todos os que estiveram no índice da opinião pública e da polícia como espíões, mas que escaparam à justiça ou à precipitação dos tribunais sumários, não nos poderíamos esquivar a um sorriso de ironia. Citarei alguns. Contra a França por exemplo: Caillaux, Cambó, Jean Durieux, Alcina, a bailarina Zoa e... o próprio Poincaré! Contra a Alemanha: Gomez Carrillo, Lerroux (o republicano espanhol), o príncipe D. Carlos de Bourbon, Mistinguette e Raquel Meiller. E em Portugal, e contra Portugal? Mas desses já falámos, em outros artigos. Somos demasiado generosos para continuarmos a avivar o seu remorso...

DOIS PORTUGUESES INOCENTES... QUASI EXECUTADOS

A Inglaterra teve também os seus fuzilamentos de espíões. Um dos mais dolorosos foi o do tenente da marinha de guerra alemã, Hans Lody, executado nos arredores de Londres em 6 de Novembro de 1914, provando-se, dias depois, que o pobre moço, longe de praticar espionagem, não resistira à tentação, antes de embarcar, de ir beijar a mãe, uma velhinha paralítica, viúva de um alemão, mas dinamarquesa de nascimento, que vivia há muitos anos em Inglaterra. Calculam-se em mais de 400 as execuções de espíões — verdadeiros e inocentes — durante a guerra, na Grã-Bretanha. Dois portugueses estiveram prestes a ser condenados à morte pela justiça inglesa, sob a acusação de espíões. O caso não é totalmente ignorado e por isso não hesito em revelar os nomes, tanto mais que ninguém suspeitou nem suspeita da sua honradez. Os srs. Lopes Gouveia e Cardoso Rodrigues, sócios de uma firma comercial com armazém para as bandas do Poço do Bispo, em Lisboa, necessitaram de ir a Londres em Agosto de 1916, ultimar um contrato de vinhos. Um pouco bajoujos deixaram-se seduzir, em *duo*, por uma gentil *miss* que os rondara, havia muito, no *hall* do Stand Hotel, onde se tinham instalado. Como mal falavam inglês e ela não percebia português, o *Idi'lo* não foi dos mais fáceis... Ora a gentil *miss* pertencia à «I. S.» (a «I. S.» sabe escolher o pessoal feminino que recruta) e se por suspeita se abelrara dos dois lusitanos, rapidamente se convenceu da sua culpabilidade pelas continuas interpretações erradas que dava ao que lhes escutava. Mas o que os ia perdendo a ambos, o que os levou ao cárcere e à ameaça do fuzilamento, foi o duplo sentido que nós, portugueses, damos a um certo vocabulário... A *miss* espia, que fixara já a assiduidade com que eles o pronunciavam, conseguiu escamotear-lhes do quarto uma carta para Portugal onde a mesma palavra era repetida de duas em duas linhas. O intérprete da «I. S.», traduzindo-a à letra, não deixou mais dúvidas aos ingleses... Os dois cavalheiros estavam informando alguém sobre o armamento de Inglaterra. O que os salvou foi um compatriota nosso, influente na sociedade londrina, que, ao conhecer o assunto, perguntou aos juizes qual era o terrível *vocabulário* em que eles baseavam a sua acusação... Eles como resposta leram um trecho da carta comprometedora em que um dos dois comerciantes dizia: «*Inglaterra está cheia*

de canhões... «Ontem à noite estive estudando com o Gouveia os *canhões* ingleses...», etc., etc...

Final o equívoco, que lá sendo trágico, nascia do segundo sentido que nós damos à palavra, e que eles, ingleses, não podiam adivinhar... E se não fosse a explicação do nosso terceiro compatriota, os dois comerciantes... estariam hoje integrados na estatística das 400 execuções...

A DÉCIMA SEGUNDA VIAGEM A BERLIM...

A Justiça Portuguesa de Guerra apenas sentenciou à morte — que eu sabia — um espião: o *chauffeur* fuzilado no *front*. Consta-me também que esteve prestes a organizar se uma leva de oito indivíduos, dos quais três estrangeiros, para serem fuzilados no Funchal, mas a guerra acabou antes do embarque dos indicados... que, apesar das acusações da polícia inter-alada, nem presos chegaram a ser.

C. D., logo no início da sua carreira de espião francês, conseguiu, com o auxílio dos chefes, criar várias personalidades espanholas com passaportes válidos e todos os documentos em ordem. Dentro dessas várias personagens *entrou doze vezes na Alemanha*, tendo os seus chefes considerado essa audácia como um *record* prodigioso e não alcançado por nenhum outro espião. Na última viagem cometeu a imprudência de passar pela mesma fronteira da anterior incursão. Um dos seus *trucs* era precisamente mudar de nome, de profissão... e de fronteira. Umas vezes era D. José Hernandez, reporter de Madrid, e entrava pela Holanda; outras era D. Paco Pujor, comerciante de azeites em Barcelona, dava a volta a meia Europa e atravessava a Turquia e a Austria para chegar a Berlim. Essa imprudência despertou uma pequena suspeita na espionagem alemã, que não teria tido consequências se não fosse seguida por outra fatalidade. Havia em Berlim um valenciano autêntico (nessa viagem ele fazia-se passar por valenciano) que estava ao serviço da Alemanha e que se lhe dirigiu no dialecto dessa provincia. O nosso C. D. não pôde improvisar num minuto conhecimentos linguísticos que não possuía. Simulou um súbito ataque de coração, que de nada lhe serviu. Vinte e quatro horas depois, ao tentar precipitadamente fugir pela Suíça, era preso. O processo durou meses. Provara a sua culpabilidade, condenaram-no à pena última. Que milagre, que equívoco ou que misteriosa e inexplicável protecção salvou o nosso compatriota da morte? Éle próprio o ignora. Sabe apenas que, estando já à frente do pelotão que o devia executar, uma ordem inesperada fez suspender a execução, recolhendo ele ao cárcere. Existe mesmo uma fotografia em que ele está amarrado ao poste ignominioso. No dia seguinte era conduzido à fronteira holandesa, sendo-lhe entregue então uma carta. Essa carta, assinada com uma única inicial e escrita numa caligrafia bem feminina, dizia apenas: «Não volte mais à Alemanha, suplico-lhe. É' este o último preço que ponho ao favor de o ter salvo. — H.»

C. D., cujos serviços prestados à França tiveram como prémio a Legião de Honra (que ele não usa), representa actualmente em Portugal uma das firmas francesas mais conhecidas. Por estes dados talvez seja fácil reconhecê-lo. Se não, recordem-se do estigma nervoso que o mais horrível momento da sua vida — ou antes... quasi da sua morte — marcou para sempre no seu rosto e no seu corpo...

REPORTER X.

Nota — As fotografias que ilustram a última página deste número foram obtidas pelo reporter H. Davois, do *Matin*, que, para as obter, passou uma noite empoleirado numa árvore e oculto pela ramagem. Mesmo assim, após as execuções foi descoberto, preso e os *clichés* apreendidos. Só agora o Governo francês lhes restituiu. (Do *Die Woche*, de Berlim, do *Detective*, de Paris, e do *Haagsche Post*, da Holanda).

repor•teir.

Semanario das
grandes reportagens



15.000 espões — 5.000 fuzilamentos

Em cima: Quatro execuções do dia 14 de Março de 1916, em Vincennes (França). À esquerda, último poste, está uma mulher, M.me Lebrec, alcunhada pela policia como a «vedette da espionagem». No primeiro plano, de costas, sem képi, calvo, gordo, está um oficial português que assistiu aos fuzilamentos — o tenente-coronel Mendes Ferrelta. Em baixo, à esquerda: Um traidor fuzilado, próximo das trincheiras, pelos franceses. No poste colaram o seguinte distico: «Morto por ter vendido a pátria ao inimigo». No centro: Dois cadáveres de espões que morreram abraçados; o espanhol Ricardo e o francês Dalar, fuzilados em Vincennes em 9 de Março de 1917. À direita, em cima: O pelotão executivo do tenente a Bolo Pachá. Em

